



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	-1. FEV. 1980	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

# Nem o Reno é o Tejo nem Sakharov é Pintasilgo

Afonso Cautela

Toda a cautela é pouca com os compatriotas que, nos areópagos internacionais, não perdem a oportunidade para denegrir e diminuir a Pátria portuguesa e os seus (nossos) melhores valores.

Temos que estar alerta com os europeístas da última fornada, herdeiros directos de Luís António Verney, que trocariam de bom grado o bisavô por qualquer balde de plástico que viesse e desde que viesse da grande, próspera, podre indústria europeia.

De facto, o Reno não é o Tejo, a Europa não é Portugal: enquanto o Reno é uma cloaca fétida irrecuperável, o Tejo ainda é rio. E apesar da Siderurgia, da Fisipe, da Cuf-Quimigal, apesar das ostras terem desaparecido e com elas uma das nossas melhores indústrias de exportação, apesar de os golfinhos já não cabriolarem nele e apesar de os banhos, na Linha do Estoril, terem percentagens diarreicas de colibacilo, apesar do assoreamento e das cheias, ainda há gaiotas e pescadores de domingo, curtindo ócios à beira rio, na mira de alguma remanescente e magra enguia.

O Reno é motivo de discórdia entre parceiros do Mercado Comum enquanto o Tejo, por enquanto, é só motivo de preocupações por causa da central nuclear de Almaraz (construída já, pronta a funcionar), ou quando, como há um ano, as bargagens espanholas despejaram para lá do limiar internacionalmente admitido.

Quanto ao desvio de milhões de metros cúbicos para o Rio Segura, em Junho do ano passado, continua a ser segredo bem guardado pelo governo de Madrid, enigma a que os ratos de Toledo, os sismos da Andaluzia após o tresvasse e o cidadão comum não têm acesso.

Conforme declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros que o *Telejornal* (29.1.1980) das vinte horas carinhosamente transmitiu na íntegra, com duas chamadas ao palco a poucos momentos de distância, não se pode comparar o Reno com o Tejo, nem o caso Sakharov com o «affaire» Pintasilgo.

Não pode, nem deve — dirá qualquer cidadão que não tenha ainda o cérebro lavado pelas iguarias publicitárias de gosto tão europeu.

Na magra opinião do cidadão português (com o olhinho lúbrico posto no mercado comum, seja ele de Leste seja do Oeste), não se pode nem deve comparar o incomparável.

Que eu saiba, Sakharov é Prémio da Paz atribuído pelo Nobel dos explosivos, é físico atómico, é o responsável pelo Plano de Plutónio, Bombas e Mísseis da União Soviética (motivo mais do que suficiente para lhe darem trinta prémios da paz), é, enfim, um cientista que ganhou notoriedade, exactamente, quando por nado (ao cancro e à radioactividade) ou por nercê do imperialismo ocidental, resolveu desobedecer às ordens do imperialismo soviético e às sagradas regras do Estado concentracionário.



Maria de Lurdes Pintasilgo e Sakharov: um caso que nada tem a ver com o outro

Os intelectuais e escritores que manifestaram solidariedade com este sábio, especialista em fascismo nuclear, regeram-se pela utopia romântica que dá a ciência, as artes, a filosofia e as letras como *neutrais*.

Enquanto «intelectual» metido na prisão por um Estado totalitário, Sakharov foi lautamente incensado e reverenciado pelos intelectuais portugueses, ditos progressistas, sem que estes adregassem saber que missões, enquanto pessoa grata ao regime de Moscovo, foi encarregado de desempenhar na tecnologia e na indústria nuclear quer dizer, na guerra de que estamos à beira.

Sakharov, além disso e que eu saiba, notabilizou-se pela tese defendida no semanário *«Le Monde»* e que havia de correr, célebre, por todos os jornais da direitíssima portuguesa, com grande espanto, então, do deputado Luís Coimbra: consistia a tal tese de Sakharov em denunciar o movimento antinuclear dos países oci-

dentais como sendo instigado pela URSS, (SIC) que assim pretenderia estrangular energeticamente o Ocidente (!)

Ao contrário do que pode parecer, esta tese não é original do jornal *«O Diabo»*, que também a perfilhou, mas do grande filho da grande Pátria soviética, o físico atómico Sakharov.

Pois é este grande Filho da Pátria (Soviética) que anda agora nas palminhas dos intelectuais cá do Ocidente, ditos progressistas, só porque a grande Pátria o declarou «persona non grata» e mandou caçar gambuzinos para a cidade de Gorki, uma das mais sujeitas aos sismos que irradiam quinzenalmente do perímetro do Semipalatinsk (explosões subterráneas para testar as megatoneladas).

Temos de reconhecer, pelo menos, espírito de humor e fina ironia a esta revanchezinha moscovita, a esta vindicta, que os vingadores de cá deviam adoptar como modelo de «repressão civilizada» e bem humorada.

Colocarem o homem exactamente na mira de um sismo proveniente das bombas que ele tantos anos acalentou como promotor Número 1 do Terror do Plutónio, é surrealista. É vingança... de chinês.

Por isso mesmo, este caso Sakharov não tem, nem podia ter, nada a ver com o caso Pintasilgo, que aliás obedeceu a vindictas muito menos políticas.

Pintasilgo é uma personalidade cristã, que se move no mundo dos valores morais: não tem nada a ver com um sábio que promoveu a indústria e o terror sísmico-nuclear numa das duas grandes superpotências que hoje ameaçam meter-nos no holocausto da guerra.

Pintasilgo, e tanto quanto eu sei, é uma personalidade que milhares de portugueses se acostumaram a ver, ao lado de Helder Câmara, Iven Illich, Bertrand Russell, Josué de Castro, Franz Fanon, Paulo Freire, Roger Garaudy, Senghor, Lanza

del Vasto, João Paulo II, Danilo Dolci, Emanuel Mounier, num plano acima da vulgaridade e da mesquinhês.

De facto, a pergunta é pertinente: o que terá o Reno a ver como Tejo, Sakharov com Pintasilgo? Como podia interessar o seu caso à assembleia de Estrasburgo e ao ilustre deputado de que ninguém sabe o nome?

Onde estão, Fernando Pessoa, os provincianos que andam a fazer figura na Europa? Onde estão os europeístas tão provincianos?

De facto, nem a brincar se pode ou deve pôr o caso Pintasilgo ao lado do caso Sakharov, esse fisicinho arrependido, sinistro fabricante de bombas, e que só caiu em desgraça quando se meteu demasiado no vodka, traíndo os princípios sagrados da obediência total totalitária.

O caso de Pintasilgo não interessa, como caso internacional, ao parlamento de Estrasburgo, não significa que seja ela a personalidade obscura e o Parlamento o Olimpo. Significa exactamente que Pintasilgo pertence ao Mundo Moral de Antígona, frente ao qual os parlamentos de Estrasburgo são um quintaleco das traseiras.

É bom, principalmente por parte dos que se reclamam do personalismo cristão de Emanuel Mounier, não confundir o Reino de Deus com esta capoeira chamada Terra à beira do bafo atómico. Guerra para a qual o Prémio Nobel da Paz contribuiu como ninguém.